Dia 2 — Santo Estêvão, Papa e Mártir

Santo Estêvão, papa, primeiro deste nome, foi filho de Júlio, cidadão romano. Nasceu pelo fim do segundo século; e, embora se tenham poucas notícias dos primeiros anos de sua infância, há razões para crer que sua família era cristã e que o menino foi criado nos princípios e máximas da verdadeira religião. Como seu coração era naturalmente bem inclinado e estava dotado de excelente engenho, dedicou-se ao estudo das letras humanas e divinas, mas singularmente ao da ciência dos santos; em pouco tempo conquistou um lugar muito distinto entre os fiéis de Roma. Sendo ainda de pouca idade, foi recebido no clero, e pela pureza de seus costumes, pelo zelo da religião, por sua sabedoria e por seu mérito captou a admiração e o conceito universal, considerando-o todos digno dos primeiros cargos da Igreja. Os papas São Cornélio e São Lúcio, seus predecessores, julgaram que não deviam deixar escondida debaixo do alqueire aquela brilhante tocha. Ordenaram-no diácono e depois o fizeram arcediago da Igreja romana, dignidade que punha a seu cargo a custódia e a distribuição do tesouro da Igreja, dando-lhe ao mesmo tempo jurisdição de vigário; o que acredita a estima que faziam de seu mérito e de sua muita virtude.

Jamais se vira a Igreja, ao que parecia, agitada por mais violentas tempestades, nem combatida por mais artificiosos e mais malignos inimigos, do que pelo fim do ano de 254, em que morreu o papa São Lúcio. Novaciano, presbítero da Igreja romana, e Novato, presbítero igualmente da de Cartago, o primeiro antipapa, os dois cismáticos e ambos hereges, tinham muitos partidários de seus erros no Oriente e no Ocidente, até no próprio grêmio dos bispos. Ainda que São Cipriano de Cartago e São Dionísio de Alexandria se tivessem oposto com valor às suas impiedades, conseguindo que fossem condenados por vários concílios, nem por isso deixava o veneno da heresia de infeccionar a muitos; e seu partido, com o enganoso pretexto de reforma, fazia desertar muitos fiéis das bandeiras de Jesus Cristo e adiantava a cada dia novas conquistas. Defendiam que não deviam ser admitidos à comunhão os que tivessem caído no crime de idolatria; e seus sectários, estendendo esta errada doutrina a todo gênero de culpas, tiravam à Igreja o poder de ligar e desligar. Condenavam as segundas núpcias e obstinadamente sustentavam que deviam ser rebatizados todos aqueles que depois do batismo tivessem cometido algum pecado mortal. Aproveitando-se os gentios daquelas funestas divisões, perseguiam cruelmente os cristãos, incitando os imperadores e os magistrados a que fizessem sangrenta guerra à Igreja. Vendo os santos papas Cornélio e Lúcio tão combatida a barquinha de São Pedro, e flutuante entre as encrespadas ondas, chamaram nosso santo para que os ajudasse a governar o leme num tempo em que jamais haviam sido os escolhos mais frequentes, nem as borrascas mais desfeitas. Por sua virtude, por sua doutrina e por seu zelo granjeou, ainda em vida de seus predecessores, todos os sufrágios do público para ocupar o lugar a que o céu o tinha destinado. Tendo São Lúcio terminado gloriosamente sua carreira, coroando com o martírio seu pontificado, por unânime consentimento foi eleito sumo pontífice Santo Estêvão, no ano de 254. Diz Anastácio que São Cornélio, seis meses

antes de morrer, lhe havia entregado todos os bens da Igreja, e que São Lúcio, ao tempo de sua morte, lhe confiou todo o rebanho, recomendando-lhe toda a Igreja aflita. Alguns são também de opinião que Santo Estêvão governou a Igreja como vigário de São Lúcio, que foi desterrado poucos dias depois de sua eleição.

Logo que se sentou na cátedra de São Pedro, dedicou-se inteiramente a desempenhar todas as obrigações daquela suprema dignidade. Depressa se lhe ofereceram ocasiões em que resplandeceram sua virtude, seu zelo e sua grande capacidade. Por mais artifícios de que se valessem os hereges para surpreendê-lo ou para intimidá-lo, sempre e em todas as ocasiões se mostrou o santo pontífice açoite da heresia, defensor dos sagrados cânones e oráculo da Igreja.

Foram acusados e convencidos de libeláticos Basílides, bispo de Astorga, na Espanha, e Marcial, bispo de Mérida. Chamavam-se libeláticos aqueles covardes cristãos que, embora não tivessem sacrificado aos ídolos, davam ou recebiam certidões falsas de terem sacrificado, para salvar por este meio a vida, a liberdade e os bens. A este delito dos dois prelados acrescentavam-se outros tão enormes que os tornavam indignos da mitra, vendo-se os bispos da Espanha obrigados a depô-los e a nomear-lhes sucessores. Recorreram ao papa Basílides e Marcial, fazendo quanto puderam para enganá-lo. Recebeu-os e ouviu-os com tanto amor e com tanta benignidade que já se davam por restituídos às suas sés; mas, logo que o santo pontífice recebeu as cartas de São Cipriano e dos bispos da Espanha, em que o informavam dos delitos que haviam cometido, não os quis ver mais e manteve inflexível a sua firmeza.

Mas o que dá maior ideia do alto mérito de nosso santo é a célebre disputa que se suscitou entre os mais santos e mais sábios bispos da Igreja sobre o valor ou a nulidade do batismo conferido pelos hereges. Parece que esta disputa teve princípio na Igreja de Cartago, onde São Cipriano, fundando-se na prática de seu predecessor Agripino, ensinava que era nulo todo batismo fora da Igreja católica e, por conseguinte, que se deviam rebatizar todos os hereges que com ela se reconciliavam. Seguiram esta mesma opinião os bispos do Oriente que se reuniram em Icônio, e foi a dominante tanto no Oriente como na África. Mas Santo Estêvão a condenou e declarou que, a respeito dos que voltavam ao grêmio da Igreja, de qualquer seita que fossem, *nihil innovetur*, nada se devia inovar, mas seguir precisamente a tradição, que era impor-lhes as mãos para a penitência, sem rebatizá-los, uma vez que tivessem sido batizados em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, e que, por outra parte, não se houvesse omitido coisa alguma das essenciais ao batismo.

Custou a São Cipriano mudar de parecer. Convocou muitos concílios, que confirmaram sua opinião, e em virtude disso escreveu ao papa. O mesmo fizeram os bispos do Oriente; mas Santo Estêvão, guiado pelo Espírito Santo, que sempre governa a Igreja, e assistido por aqueles auxílios sobrenaturais que Jesus Cristo prometeu a seu vigário até o fim dos séculos, nem se deslumbrou à vista do mérito, nem se acovardou com o número dos que se opunham à sua declaração; e assim escreveu resolutamente a São Cipriano e aos bispos da Cilícia, da Capadócia e da Galácia que se separaria de sua comunhão, se persistissem em sua opinião sobre o batismo dos hereges. Com o tempo renderam-se todos os bispos do Oriente à decisão do pontífice, contribuindo não pouco para este feliz sucesso São Dionísio, bispo de Alexandria. Maior foi a resistência dos bispos africanos; mas por fim toda a Igreja abraçou o definido por Santo Estêvão. Teve também a consolação de

saber, por carta de São Dionísio Alexandrino, que em geral todo o Oriente havia abandonado o partido dos novacianos, unindo-se a Roma; e, ao mesmo tempo que lhe participa esta grata notícia, congratula-se com o santo papa pelos socorros espirituais e temporais que procurava para os fiéis da Síria e da Arábia; prova evidente de quão longe se estendiam sua caridade e vigilância pastoral, dilatando-se esta a todas as necessidades da Igreja e sendo seu zelo tão imenso como ela.

No princípio de seu pontificado escreveram-lhe Faustino, bispo de Lyon, e São Cipriano que Marciano, bispo de Arles, dava nos erros dos novacianos e se havia declarado partidário daquela seita; imediatamente procedeu contra ele com todo o vigor de seu zelo, mas sempre acompanhado de muita brandura e caridade. Com a paz de que gozou a Igreja nos primeiros anos do império de Valeriano, pôde o santo pastor cuidar de seu rebanho com toda a liberdade, desviando-o dos pastos infeccionados; mas durou pouco esta doce tranquilidade. Macriano, primeiro-ministro do imperador e um dos inimigos mais mortais do nome cristão, mudou a vontade do príncipe e induziu-o a declarar guerra à nossa santa religião; em cujas circunstâncias não poupou Santo Estêvão meio nem diligência para fortalecer os fiéis contra a tempestade que os ameaçava.

Publicou o imperador um edito pelo qual confiscava os bens dos cristãos e os concedia a quem os denunciasse. Nesta ocasião, convocou o santo papa o clero e o povo, e falou com tanta energia e com tanta eficácia sobre a vaidade dos bens desta vida, inspirando a todos tão animoso valor, que um presbítero chamado Bono, arrebatado de santo fervor, exclamou em nome de todos que não só estavam prontos a perder todos os seus bens, mas a padecer os mais cruéis tormentos e a dar a vida por Jesus Cristo; declaração que foi recebida com aplauso universal. Aceso o fogo da perseguição, é indizível o ardor com que todos se dispunham para o martírio. O santo papa andava de casa em casa e passava os dias em lugares subterrâneos, oferecendo o santo sacrifício e dando aos fiéis a sagrada comunhão. Num só dia batizou cento e oitenta catecúmenos, administrou-lhes o sacramento da confirmação, dizem as Atas, ofereceu por eles o sacrifício incruento, sustentou-os com o pão dos fortes, e poucos dias depois quase todos mereceram receber a coroa do martírio.

Não duvidando o santo pontífice de que ele próprio seria também, dentro de pouco tempo, ditosa vítima, quis prover às necessidades da Igreja. Regulou o que mais urgia, no estado em que se achavam os negócios, para o governo de seu querido rebanho; confiou-o a três presbíteros, sete diáconos e dezesseis clérigos, aos quais encomendou a custódia dos vasos sagrados e a distribuição das esmolas. Ao mesmo tempo que dava estas providências, pondo ordem em tudo, andava à procura do santo papa Nemésio, tribuno militar, por ter ouvido que era homem extraordinário, de muito poder junto a Deus, e que fazia grandes milagres. Tinha o tribuno uma filha única, cega de nascença, a quem amava ternamente. Encontrou afinal Santo Estêvão e suplicou-lhe que desse a vista à sua filha. «Fá-lo-ei (respondeu o santo), mas com a condição de que hás de crer em Jesus Cristo, em cujo nome e virtude hei de obrar o milagre.» Sem se deter um instante, tudo prometeu Nemésio e, assegurando com juramento que se faria cristão, desde logo creu em Jesus Cristo e pediu o batismo. Instruiu-o o papa e batizou-o juntamente com sua filha, a qual recobrou a vista logo que recebeu o batismo, e deu-se-lhe o nome de Lucila. À vista desta maravilha converteram-se e batizaram-se sessenta e três gentios, crescendo a cada dia tanto o número dos cristãos que Santo Estêvão, percorrendo dia e noite as grutas em que estavam escondidos, para alentá-los, consolá-los, assisti-los e dizer-lhes o santo sacrifício da missa, estava

continuamente administrando o santo batismo aos que havia instruído.

Foram entretanto presos Nemésio e sua filha Lucila, como também Semprônio, seu primeiro secretário ou mordomo de sua casa, a quem o juiz mandou que, sob pena de morte, declarasse o estado de todos os bens de seu amo. Respondeu o fiel criado que o tribuno absolutamente nada tinha, desde que tudo repartira entre os pobres. «Logo, tu também és cristão como teu amo?», replicou Olímpio, que assim se chamava o juiz. «Essa dita tenho, e muito me honro com ela», respondeu Semprônio. Irritado Olímpio com esta resposta, mandou trazer uma estátua do deus Marte e ordenou a Semprônio, em nome daquela fingida divindade, que declarasse os tesouros de Nemésio. Olhando Semprônio com indignação para o ídolo, exclamou: «Confunda-te nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, e faça-te em pedaços neste mesmo instante.» No mesmo momento caiu o ídolo a seus pés, reduzido a pó. Assombrou a Olímpio o milagre; e, abrindo os olhos da alma, creu que todos os seus deuses eram quimeras e que não havia outro verdadeiro Deus senão Jesus Cristo. Abriu-se com Exupéria, sua mulher, que interiormente era cristã; esta o confirmou em seu pensamento e aconselhou-o a que se convertesse. Assim o fez, com toda a sua família; acudindo Santo Estêvão, informado do que se passava, instruiu-os, batizou-os e exortou-os à perseverança.

Fez muito ruído em Roma a conversão de uma família tão conhecida; e, sabendo-o o imperador, cheio de ira, mandou que a todos tirassem a vida num mesmo dia, tendo o santo papa a consolação de dar-lhes a todos sepultura. A mesma sorte tiveram outros doze clérigos ou presbíteros de sua Igreja, à frente dos quais estava o fervoroso presbítero Bono. Tendo o santo pontífice enviado ao céu adiante de si tão grande número de generosos mártires, suspirava havia tempo pela mesma coroa, e por fim a alcançou. Mandou-o prender o imperador e quis vê-lo. Perguntou-lhe logo se era ele aquele sedicioso que perturbava o Estado, desviando o povo do culto devido aos deuses do império. «Senhor (respondeu o santo), eu não perturbo o Estado; apenas exorto o povo a que não renda culto aos demônios e a que adore o verdadeiro Deus, a quem unicamente ele é devido.» «Ímpio (exclamou o imperador), essa blasfêmia que acabas de proferir, vingá-la-á a tua morte»; e, voltando-se para os soldados de sua guarda, acrescentou: «Quero que seja conduzido ao templo do deus Marte e que ali seja degolado e oferecido em sacrifício.» Executou-se a ordem; levaram-no ao templo de Marte; mas, mal chegou, o céu rompeu em trovões, relâmpagos e raios; veio por terra o templo, e fugiram todos os gentios. Ficou Estêvão só com os cristãos que o haviam seguido; retirou-se com eles ao lugar onde costumavam reunir-se e ofereceu o divino sacrifício. Mal acabara de celebrar o do corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, viu aproximar-se o feliz momento em que ele próprio havia de fazer o de sua vida; porque, entrando os soldados que o andavam buscando por toda parte, degolaram-no sobre sua própria cadeira pontifical, quando estava exortando os cristãos ao martírio. Sucedeu o seu no dia 2 de agosto, pelo ano de 257, e seu santo corpo, com a cadeira em que foi sacrificado, toda banhada em seu sangue, foi sepultado pelos cristãos no cemitério de Calisto. Sua cabeça foi trasladada para Bolonha, onde é singularmente venerada.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Stephani, martyris atque pontificis, annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano nos alegrais com a solenidade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Estêvão, concedei-nos que, ao celebrarmos seu ditoso nascimento para a glória, alcancemos sua poderosa proteção na terra. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 20 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 20,17-21

> **Latim:** 17 A Mileto autem mittens Ephesum, vocavit majores natu ecclesiæ. 18 Qui cum venissent ad eum, et simul essent, dixit eis : Vos scitis a prima die qua ingressus sum in Asiam, qualiter vobiscum per omne tempus fuerim, 19 serviens Domino cum omni humilitate, et lacrimis, et tentationibus, quæ mihi acciderunt ex insidiis Judæorum : 20 quomodo nihil subtraxerim utilium, quominus annuntiarem vobis et docerem vos, publice et per domos, 21 testificans Judæis atque gentilibus in Deum pœnitentiam, et fidem in Dominum nostrum Jesum Christum.

Português: 17 E enviando des de Mileto a Efeso, chamou aos anciãos da igreja. 18 Os quaes depois de virem ter com elle, e estando todos juntos, lhes disse: Vós sabeis des do primeiro dia que entrei na Asia, de que modo me tenho portado convosco por todo esse tempo, 19 servindo ao Senhor com toda a humildade, e com lagrimas, e com tentações, que me acontecerão por via das emboscadas dos Judeos: 20 como não tenho occultado cousa alguma das que vos podião ser utéis, para que vo-las deixasse de annunciar, e vos ensinasse publicamente, e dentro em vossas casas, 21 pregando aos Judeos, e aos Gentios a penitencia para com Deos, e a fé em nosso Senhor Jesu Christo.

Nota

«Intitulou São Lucas a obra de onde se tirou esta epístola os Atos dos Apóstolos, para que nela busquemos, diz São João Crisóstomo, não tanto os prodígios que fizeram quanto as virtudes e santas ações que praticaram.»

Reflexões

Bem sabeis como me portei entre vós desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo a Deus. Esta é a linguagem que devem usar todos aqueles que por seu ministério se empregam na salvação das almas e trabalham na conversão dos pecadores. Seu desinteresse, sua exata bondade, sua vida pura, mortificada e exemplar, sua modéstia e sua notória virtude hão de antecipar-se a ganhar-lhes o conceito e os corações, fazendo estas prendas o panegírico de seu zelo. Preguem os ministros do Evangelho com as obras, e sempre fará fruto o pregador. É poderoso em palavras quem é poderoso em obras; são os exemplos um discurso mudo, mais eloquente que o dos mais hábeis oradores. O mesmo se pode dizer do ministério de confessar e dirigir almas. Todo zelo interessado é infrutuoso. «Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos!», dizia em outro tempo o profeta (Ez 34): *Væ pastoribus Israel, qui pascebant semetipsos!* O ofício do pastor não é apascentar o rebanho? *Nonne greges a pastoribus pascuntur?* E, contudo, vós comeis o seu leite, cobris-vos com a sua lã e não cuidais de apascentá-lo: *Quod infirmum fuit, non consolidastis.* Nem confortastes as ovelhas fracas, nem curastes as enfermas: *Et quod ægrotum, non sanastis.* Se alguma caiu, não a levantastes; se outra se perdeu, não fizestes diligência para encontrá-la; desgarraram-se as minhas ovelhas, e dessa maneira caíram nos dentes e nas garras das feras: *Et factæ sunt in devorationem omnium bestiarum.* Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor, acrescenta o profeta; eis o que ele vos diz: «Eu mesmo pedirei contas a estes pastores de todos os danos que padeceu o meu rebanho; eles mas darão de todas as ovelhas que se perdem»: *Ecce ego ipse requiram gregem meum de manu eorum.* Para que o zelo seja eficaz, há de ser puro. Se nos ministérios não procedermos e a eles não nos aplicarmos por motivos puramente sobrenaturais, nossa aparente caridade será um verdadeiro amor-próprio disfarçado; e nós, semelhantes, diz o Apóstolo, a um sino oco: som e nada mais. Se tivermos a mesma caridade que São Paulo, nossa própria conduta será a melhor apologia contra a mais infame calúnia. Busquemos só a Deus em nossos ministérios, e com eles ganharemos para Deus todos os pecadores.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** [24] Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. [25] Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. [26] Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? [27] Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: [24] Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. [25] Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. [26] Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? [27] Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Da abnegação de si mesmo

Primeiro ponto

Considera que a abnegação de si mesmo não só é necessária para a perfeição cristã, mas, segundo as palavras do Evangelho, parece sê-lo também para a salvação. «Se alguém quiser vir após mim (diz o Salvador), negue-se a si mesmo.» Nosso maior inimigo é nosso amor-próprio; nasce num terreno estragado; está infeccionado o princípio, e não é mais são o seu fim. Que amamos, quando nos amamos a nós mesmos? Amamos tudo o que é contrário à salvação: bens da terra, deleites sensuais, licença, liberdade, distinções, preeminências, tudo o que lisonjeia os sentidos, tudo o que fomenta a concupiscência, tudo o que corrompe o coração; numa palavra, tudo aquilo que nos desvia de Deus, tudo é muito do gosto da natureza corrompida. O amor-próprio está sempre de acordo com os sentidos; tudo o que se opõe a estes irrita e ofende aquele; todas as paixões, por assim dizer, estão às suas ordens; todas reinam em seu nome; o amor, o ódio, a vingança, a ambição, o orgulho, todos estes tiranos do coração humano, todos estes inimigos de nossa salvação, todas estas feras são obra da concupiscência. «Tira do mundo o amor-próprio (dizia São Bernardo), e o inferno se converterá num deserto, ou se apagarão as suas chamas, ou ao menos ficarão ociosas e sem exercício.» Tira de ti o amor de ti mesmo, de tua estima, de tuas conveniências, e o homem cristão já não será um homem animal e sensual, mas um homem todo espiritual, sem gosto em nada fora de Deus, sem achar outra quietude nem outra consolação senão o exercício da perfeição. Tem o amor-próprio os seus caminhos, mas só aqueles que levam aos seus fins; e, como estes são tão contrários aos de Jesus Cristo, é forçoso que aqueles sejam muito opostos aos do Evangelho. Se queremos seguir uns, necessariamente nos havemos de

desviar dos outros; para seguir os passos de Jesus Cristo, é indispensável renunciarmos a nós mesmos. Devemos fazer contínua oposição às inclinações naturais e mortificar sem intermissão os nossos sentidos. Devemos vencer as paixões, devemos aborrecer-nos a nós mesmos, se nos queremos salvar. Gostemos ou não destas máximas, alvorocem-se ou não o entendimento e o coração humano contra esta lei, ela é indispensável; e, seja ou não seja crido Jesus Cristo, sua palavra é infalível e não se pode mudar. Sempre será verdade, enquanto o mundo existir, que quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem a perder por Jesus Cristo, esse a ganhará.

Segundo ponto

Considera que a abnegação e o ódio de si mesmo, que tanto nos recomenda o Evangelho, não é um ódio absoluto de todas as nossas coisas, mas de nossa corrupção, da desordem de nossas inclinações, das ilusões que padecemos, das viciosas propensões de nossa alma. Quem negará que todos estes defeitos são justo objeto de nossa indignação? Esta é a origem de nossas inquietações, de nossos desgostos, de nossos pesares e, enfim, de nossa perdição. Frutos de nossa corrupção são as nossas imperfeições, os nossos pecados e os mais funestos, os mais enormes delitos que se cometem. Que objeto, pois, mais digno de nosso aborrecimento? Este é o ódio santo que Deus nos pede; e este ódio se funda, por assim dizer, no verdadeiro amor que Deus quer que tenhamos a nós mesmos; porque aborrecer-se santamente é amar-se verdadeiramente. Amam ternamente aquele pai e aquela mãe o único filho que têm, e que é toda a sua consolação e todas as suas delícias; mas, em meio a este amor, se o ameaça um abscesso, se se lhe forma uma chaga, que não o fazem padecer para curá-lo, se a chaga e o abscesso lhe podem ocasionar a morte? Queimam, sarjam, martirizam o paciente, não só à vista, mas a pedido de sua amantíssima mãe. Dir-se-á que ela aborrece o seu querido filho? Não: o que aborrece é a causa de seu mal, que lhe põe a vida em risco. A maior prova de seu amor é esse mesmo aborrecimento à sua má constituição, ao seu temperamento delicado e achacoso. Esta é a análise e a verdadeira imagem do ódio, da abnegação de si mesmo. Oh, quão verdade é que nunca nos amamos mais do que quando mais nos aborrecemos! Este santo ódio de si mesmos tiveram-no todos os santos, em tal grau que, em virtude dele, buscavam com a maior ânsia tudo o que era contrário aos sentidos, oposto à concupiscência e inimigo do amor-próprio. Daqui nascia aquela inocente crueldade com que se tratavam, aquela espantosa mortificação da carne, aquelas horrorosas penitências, aquela abnegação de si mesmos, que foi comum a todos os santos. Pergunto: foram sábios? Foram prudentes? Puderam tomar outro caminho para seguir a Jesus Cristo, quando sabiam muito bem que não havia outro? E, se o tivessem tomado diferente, em que teriam parado?

E em que pararei eu, Senhor, que ao só nome de abnegação e de mortificação me espanto e me atemorizo? Abrireis vós um novo caminho do céu para mim? Poderei lisonjear-me de que vos sigo, enquanto só penso em satisfazer os meus sentidos e em dar gosto às minhas paixões? Ah, Senhor, há muito tempo que ando desencaminhado! Olhai com olhos de compaixão para esta ovelha perdida; fazei que torne a entrar no caminho do céu. Amando-me a mim mesmo, perdi-me; tempo é já de que me aborreça. Concedei-me este santo ódio, sem o qual não posso esperar salvar-me.

Jaculatórias

> *Vivo autem, jam non ego: vivit vero in me Christus.* Gl 2.

Vivo eu, mas já não eu; Jesus Cristo vive em mim.

> *Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis.* Gl 5.

Confesso, Senhor, que só são vossos aqueles que crucificam a sua carne com todos os seus viciosos apetites.

Propósitos

1. Nunca envelhece o amor-próprio; quanto mais reina, tanto mais cresce a sua autoridade. Manda nos jovens com ímpeto e com violência, mas nos velhos com certa espécie de tirania. Daqui nasce nestes aquela enfadonha tenacidade em manter suas antigas opiniões e aquele aferrar-se em não mudar de ideias. Neles não discorre só a razão; a paixão, o gênio e o costume contribuem também com os primeiros princípios, e então tem mais parte o coração que o entendimento. Daqui provém aquele enfadar-se e aquele ofender-se dos velhos sempre que são contraditos. As preocupações do coração são sempre as mais fortes e as mais tenazes, sendo a origem de todas elas aquelas inclinações que nascem e se criam conosco. Atalha estes defeitos, debilitando a tempo o amor-próprio. Uma vez que a este se cortem os brios, depressa se domam as paixões. Nunca obres por pura inclinação; sobretudo no estado religioso, jamais solicites nem as ocupações, nem as coisas, nem os ministérios que se conformem com teu gosto; além da abundante colheita de dissabores que nisso acharás, terás o desconsolo de não saber se é vontade de Deus que estejas nesse lugar ou nessa ocupação que tu mesmo escolheste. E, quando Deus não nos quer em parte alguma, será de muito mérito o que trabalhamos e o que padecemos? Já que deste gosto ao teu amor-próprio, só dele deves esperar o prêmio. Mas que prêmio? Ser infeliz e desgraçado.

2. Não creias que é exercício trabalhoso o da abnegação de si mesmo; nada tem de áspero senão o nome. Faze a experiência, e acharás que a consolação interior que sempre acompanha o vencimento de si mesmo despoja o combate de toda a dureza. Não só não deves fazer coisa alguma governado precisamente por tua inclinação, mas desconfiar muito de tudo o que ela te representa como útil e até como necessário. É muito engenhoso o amor-próprio para deslumbrar-nos; jamais lhe faltam pretextos especiosos e aparentes. A glória de Deus, o proveito do próximo, o bem do Estado, o adiantamento da família e até a salvação das almas, tudo isso é isca, tudo é

sobrescrito para o amor-próprio. Vive muito prevenido contra um inimigo doméstico tão artificioso. Mortifica os teus sentidos; olha que os seus frutos estão envenenados; seu veneno é gostoso, mas mata. Lembra-te de que o terreno de teu coração, além de ser de má qualidade, é um matagal; e é necessário cortar, cavar, arrancar em cima e embaixo para que dê algo de proveito e para torná-lo menos estéril. «Quem me quiser seguir, negue-se a si mesmo.» «Tanto aproveitarás (diz o autor do livro da Imitação de Cristo) quanta violência a ti mesmo fizeres.»

São Pedro, Bispo de Osma

Quanto maior e mais recomendável foi o mérito daqueles grandes varões que Deus destinou para ornamento de sua Igreja, tanto maior foi o descuido dos homens em transmitir à posteridade suas grandes ações e aquelas miúdas circunstâncias de sua vida que não só servem de instrução aos fiéis, mas também de sumo consolo à piedade. Um destes grandes homens foi São Pedro, bispo de Osma, de cuja vida muitas circunstâncias estão em disputa. Sabe-se, contudo, o necessário para compreender o grande cúmulo de graças que nele depositou a divina misericórdia e para reconhecer nele um exemplar perfeito da vida cristã, com o qual devemos conformar nossas ações, que é o fim desta leitura espiritual.

Na província do Berry, e na cidade de Bourges, nasceu São Pedro pelos anos de 1040, pouco mais ou menos. Seus pais, Guilherme e Meimira, eram, segundo se crê, tão nobres pela ilustre ascendência de sua linhagem como pela piedade e santidade de seus costumes. Estas duas qualidades ajudavam-se mutuamente na criação de Pedro e na formação de seu coração. Infundiam neste ideias de generosidade, mas sem altivez, fazendo-lhe conhecer sua nobreza sem ensoberbecê-lo; e, por fim, ensinavam-lhe que não há verdadeira nobreza onde não há virtude, e que a vaidade de uma antiga linhagem é insuportável quando a enfeia a corrupção dos costumes. Prestou-se dócil o santo jovem às santas instruções de seus pais; e, como Deus o tinha prevenido com bênçãos de doçura para fazê-lo vaso de eleição em sua Igreja, dispôs que fosse sua soberana graça a primeira coisa de que se enchesse seu coração, para que conservasse depois tão doce sabor todos os dias de sua vida. Chegou Pedro à idade em que era necessário decidir a carreira que havia de seguir. Seu espírito pronto, seu gênio vivo, seu coração dócil e a instrução correspondente que até então lhe haviam dado bons mestres tinham-no posto em estado de poder seguir com proveito e brilho tanto a carreira das armas como a das letras. Naquele tempo, em que a guerra e o espírito marcial levavam a preferência em todas as províncias do mundo, um furor desmedido havia enlouquecido os homens a ponto de pretenderem a mútua destruição, umas vezes para acrescentar um canto de terra às suas antigas possessões, e outras fazendo que a religião servisse de pretexto à sua ambição e aos seus furores. A gente nobre era a matéria mais bem disposta, em que havia produzido todo o seu efeito o fogo da guerra. Não havia nobre que não se alistasse nas bandeiras militares, e isso mesmo foi a causa de que Pedro, como nobre, abraçasse o mesmo destino.

Seguiu alguns anos este perigoso exercício, juntando a um mesmo tempo as virtudes de soldado com as de discípulo de Jesus Cristo. O valor, a fidelidade, a intrepidez, todas as prendas que constituem um bom soldado se achavam em Pedro; mas sem que por isso lhe faltassem a retidão

de intenção, a devoção fervorosa, o desapego do mundo e um aceso amor de Deus e de seus próximos, que salvaram sua inocência entre os escolhos das armas. Apesar disso, conheceu o prudente jovem que o ter-se conservado sem detrimento até aquele ponto era um verdadeiro milagre da graça de Deus, e que não era justo seguir com temeridade um caminho coberto de perigos. Considerava ao mesmo tempo o destino que daria à sua vida, não sendo possível viver neste mundo sem escolher um estado constante em que aproveitar a seus próximos e servir aos desígnios da Providência. Ilustrou Deus seu entendimento para que conhecesse a vaidade dos bens do mundo e deu-lhe a fortaleza necessária para desprezá-los por seu amor. Florescia então o instituto de São Bento naquele fervor e observância com que enriqueceu a Igreja, dando-lhe tantos e tão ilustres varões quantos a serviram com sua santidade e com sua doutrina. Determinou, pois, fazer-se monge beneditino; e, embora sua determinação padecesse todas as contradições que o mundo e o demônio opõem aos santos propósitos, seu espírito superior tudo venceu, vestindo o hábito no mosteiro Auriacense, um dos da reforma cluniacense na França. Contente Pedro com o novo estado que havia escolhido, começou a exercitar-se em todo gênero de virtudes, tanto que era um verdadeiro exemplar de todas elas, em que podiam aprender fervor os monges mais adiantados na observância regular. Ali permaneceu alguns anos, vivendo com a tranquilidade que havia desejado, até que chegou o tempo em que quis Deus que suas virtudes pudessem servir de maior proveito, colocando Pedro num lugar eminente, onde seu exemplo pudesse produzir mais copiosos frutos.

Dizem alguns que Afonso VI, rei de Castela, que, ao mesmo tempo que com seu valor aterrava os mouros, servia a Igreja com seu zelo e sua piedade, determinou reedificar o mosteiro de Sahagún, destinando-o para cabeça de todos os mosteiros da Espanha. Que, conhecendo o prudente rei que a reedificação não consistia tanto na fábrica material do mosteiro como na formal dos indivíduos que haviam de povoá-lo, procurou que estes fossem homens consumados em virtude e em letras, capazes de difundir ambas as coisas em todo o seu reino e de formar alunos que as mantivessem no futuro. Que, com este intento, sabendo que no mosteiro de Cluny havia sujeitos capazes de cumprir seus desejos e esperanças, escreveu ao abade que lhe enviasse alguns de sua inteira satisfação para plantar aquela grande obra. E, finalmente, que, acedendo o abade às humildes e justas súplicas do piedoso rei, enviou-lhe doze monges, não menos célebres por sua sabedoria que pela santidade de seus costumes, dos quais foi um Bernardo, que obteve depois com muita glória o arcebispado de Toledo, e outro o nosso santo, que fora seu discípulo na santidade e na doutrina. Na crônica geral beneditina refere Yepes este fato de outra maneira. Diz, pois, que, voltando de Roma pela França o arcebispo Bernardo, escolheu de diversos lugares varões virtuosos e letrados, e alguns jovens dóceis e de bons costumes, e trouxe-os para a Espanha, para aproveitar-se de suas prendas e doutrina. O mesmo refere o arcebispo dom Rodrigo, cujo testemunho é sem dúvida de muito peso. Seja como for, São Pedro veio, segundo alguns, para o mosteiro de Sahagún, onde perseverou por algum tempo, exercitando-se na oração, em vigílias e jejuns, e cumprindo as obrigações de um perfeito sacerdote. Saía algumas vezes do mosteiro para pregar a palavra de Deus, pretendendo com isso evitar o ócio e aproveitar a seus próximos, encaminhando-os pelas sendas da salvação. Sua vida estava tão adornada de todo gênero de virtudes que seus próprios irmãos o proclamavam digno das maiores honras. Era suave e afável em seu trato, moderado em suas conversações, dotado de uma eloquência tão persuasiva que era impossível ouvi-lo sem ficar convencido por suas santas instruções e salutares conselhos. Seus jejuns eram contínuos, e não o eram menos suas vigílias; mas aquilo em que mais se assinalava era a oração e a leitura espiritual,

de onde tirava os copiosos e doces frutos que depois repartia sem inveja. Persuadido de que a unidade de espírito e a conformidade de costumes são o muro forte que sustenta todo o edifício da vida monástica, persuadia seus religiosos a que vivessem em paz, unidos pelo vínculo santo da caridade. Fazia isto com tanta doçura de palavras e com tão celestial eloquência que em seu tempo não pôde contaminar o mosteiro o infernal monstro da discórdia. E, como à suavidade de seu dizer e à solidez de suas razões dava tanta força o exemplo de seus costumes, seu magistério lograva todos os frutos que desejava sua fervorosa vontade. Veneravam-no os monges como santo e aplaudiam-no como sábio doutor; mas em meio a isso humilhava-se diante de Deus, conhecendo que todo bem e todo dom perfeito desce do Pai das luzes. Tinha fixa em seu coração aquela sentença do Espírito Santo, que diz: «Quanto maior for o teu mérito, humilha-te em todas as coisas, e acharás graça diante de Deus.» Esta celestial instrução fazia-o abater-se ao exercício dos empregos mais humildes e comuns, sem pretender distinção em relação a seus irmãos, antes reputando-se indigno servo dos servos de Jesus Cristo. A isto acrescentava a maceração de seu corpo, reduzindo-o à lei do espírito com austeras penitências e procurando seguir os passos daquele que entre tormentos exalara seu espírito numa afrontosa cruz.

Já fazia algum tempo que o rei Afonso conquistara a cidade de Toledo, libertando-a, depois do prolongado sítio de três anos, da dominação dos mouros. Imediatamente pensou em restabelecer a ordem eclesiástica, restituindo àquela igreja metropolitana todo o esplendor de que antes gozara. Para este efeito nomeou arcebispo a Bernardo, homem de grande capacidade e muito a propósito para a execução de grandes obras. Este sábio varão, que tinha todas as prendas necessárias para reger aquela sé, dispôs levar consigo sujeitos aptos para pôr em estado de esplendor a igreja de Toledo, que em poder dos mouros chegara à total ruína. Escolheu os homens mais assinalados em virtude e letras para prover neles as dignidades eclesiásticas de maior responsabilidade e trabalho, esperando por este meio devolver àquela igreja todo o lustre que antes tivera. Entre os escolhidos para este efeito foi um São Pedro, a quem conferiu a dignidade de arcediago, bem certo de que a desempenharia à proporção das grandes virtudes e prendas que o adornavam.

Feito arcediago, não afrouxou um ponto do rigoroso teor de vida que observava no mosteiro. Rezava diariamente o ofício longo e penoso que têm obrigação de dizer no coro os monges cluniacenses. Sua residência ordinária fazia-a na igreja, não podendo seu espírito apartar-se daquele lugar santo onde tinha depositado o seu tesouro. Cumpria exatamente as severas obrigações de arcediago, quer tivesse de despachar assuntos judiciais, quer de empregar-se nos delicados negócios a que o obrigava a caridade. Sua vida era um contínuo tecido de santos exemplos, tanto que chegou a estender-se sua fama de maneira que o rei, o arcebispo, o clero e o povo falavam com admiração de suas portentosas virtudes. Quando esta fama estava em seu maior auge, foi libertada da dominação dos mouros a cidade de Osma, na qual, como em Toledo, pensou o rei em restaurar a hierarquia eclesiástica, construindo a igreja, provendo-a de pastor e adornando-a de sacerdotes dignos, que pudessem dar perfeição a tão santa obra. Hesitava-se quanto a um sujeito digno e capaz de reger a sé de Osma e de realizar os piedosos desígnios que o rei abrigava em seu coração. Consultou-o com o arcebispo de Toledo, e de comum acordo puseram os olhos em São Pedro, cujas virtudes lhes asseguravam o feliz cumprimento de seus desejos. Insinuaram ao santo sua determinação; mas o humilde servo de Deus, considerando-se com forças muito desiguais à grande carga que queriam pôr sobre seus ombros, recusou de todo o coração admiti-la. O arcebispo de Toledo, que sabia que tanto mais digno é um sujeito de obter as

dignidades eclesiásticas quanto maior é sua repugnância em recebê-las quando lhe são conferidas, e menor o conceito que tem formado de sua própria suficiência, instou com o santo, rogou-lhe e representou-lhe que aquela era a vontade de Deus, em cuja execução se comprazia também o rei, que tão generoso se mostrava em favor da Igreja. Não pôde São Pedro resistir a tão poderosas razões; e assim, consagrado pelo arcebispo, tomou sobre si a dignidade e a carga episcopal e, cheio de fervor e de santos desejos, partiu para Osma.

Logo que chegou a esta cidade, empreendeu a reedificação da igreja catedral, que os mouros haviam destruído até os alicerces. Suas diligências foram tais que, tendo juntado somas consideráveis, já de suas próprias rendas, já das esmolas dos fiéis, em breve tempo começou e acabou uma fábrica suficiente para dar a Deus o devido culto. Colocado nosso santo nesta sublime dignidade, e tendo conseguido restaurar o templo do Deus das alturas, entregou-se perfeitamente ao cuidado de suas ovelhas, sem esquecer ao mesmo tempo a própria santificação. Considerava-se como uma tocha posta sobre o candelabro, ou como uma cidade edificada sobre o alto cume de um elevado monte, onde devia servir de espelho de perfeição para todos os seus súditos. Assim, empregava-se continuamente na contemplação das coisas celestiais e dos divinos mistérios, macerando ao mesmo tempo seu corpo com jejuns, com vigílias e com um cilício que trazia junto à carne; ensinava o povo com santas instruções e cuidava de que o clero se compusesse de sujeitos beneméritos, respeitáveis por sua ciência e por seus costumes. Os pobres, os enfermos e os peregrinos eram o objeto principal de sua terna caridade. Socorria-os com abundantes esmolas, assistia-os com ternura de pai, e ele por si mesmo os consolava, praticando com eles os ofícios de humanidade e os desvelos de um prelado caritativo. Era manso e doce de condição para com todos aqueles que se faziam amáveis pela honestidade de seus costumes. Aos infelizes que tinham tido a fraqueza de cometer algum delito corrigia-os carinhosamente, pretendendo antes alcançar a emenda que exacerbar-lhes as feridas com a aspereza de suas repreensões. Mas, se acaso encontrava réus que fossem contumazes e obstinados em seus excessos, aplicava-lhes todo o rigor e severidade das leis, julgando que a integridade da justiça consistia tanto na compaixão com os penitentes e arrependidos como na rigorosa severidade com os incorrigíveis e obstinados.

Uma das coisas em que se manifestou a fortaleza deste grande prelado foi a acérrima defesa que fez dos direitos, bens e pertenças de sua igreja, não permitindo que se violasse sua imunidade, nem que se lhe usurpassem os bens que lhe pertenciam de justiça. Nesta matéria nada havia que fosse capaz de fazer recuar seu esforçado e zeloso coração. Assim conseguiu que se restituísse à Igreja o que lhe haviam roubado alguns poderosos, temerariamente confiados em sua autoridade e em suas riquezas, compelindo-os com censuras eclesiásticas, quando as persuasões e os bons modos não surtiam efeito. Daqui lhe resultaram algumas furiosas perseguições, que puseram sua vida em tão iminente perigo que foi necessário que Deus empregasse misericordiosamente os seus milagres. A este propósito, sucedeu que na mesma cidade de Osma havia um cavaleiro sumamente rico, e que ao mesmo tempo seguia a milícia. Confiado em suas armas e em suas riquezas, atropelava os direitos dos demais cidadãos, usurpando-lhes os bens com desmedida avareza. Mas aquilo em que esta mais se havia cevado eram as possessões eclesiásticas, das quais retinha muitas sem as querer restituir. Admoestou-o São Pedro, exortou-o com entranhas de caridade e usou com ele de todos os ofícios de humanidade e cortesia para que, cedendo à razão, restituísse à Igreja o que era dela. Negou-se o sacrílego usurpador às justas proposições do santo, o qual, vendo-o contumaz e protervo, vibrou contra ele os temíveis raios das censuras

eclesiásticas. Esta determinação irritou o cavaleiro de tal maneira que resolveu tirar-lhe a vida. Para executar mais a seu salvo este execrável delito, buscava ocasião oportuna em que não pudesse defender o santo o povo que tanto o amava. Sabendo, pois, que São Pedro tinha de passar ao lugar de San Esteban para fazer a visita eclesiástica, pensou sair-lhe ao caminho e executar sem contradição suas sacrílegas intenções. Fê-lo como havia pensado; mas, mal alcançou a ver o santo, que ia por seu caminho a grande distância, quando, possuído repentinamente pelo demônio, começou a sentir tão terríveis dores que ficou quase morto, e em estado tão miserável que seus criados tiveram de levá-lo com grande trabalho para casa. Conheceram os criados que aquele era um castigo visível de Deus, com que a um mesmo tempo defendia a vida de seu servo e os direitos de sua Esposa. Foram ter com o santo, referiram-lhe o que havia sucedido e pediram-lhe humildemente que ajudasse seu amo com suas orações; feito isto por São Pedro, alcançou do céu que aquele mal-aconselhado cavaleiro ficasse livre do cativeiro do demônio.

Com maravilhas iguais à referida manifestou Deus em várias outras ocasiões a santidade de seu servo e quão gratas lhe eram as orações deste santo prelado. Prosseguindo a visita de seu bispado, chegou a uma aldeia chamada Langa, nas margens do Douro. Aproximou-se do rio com o fim de lavar as mãos; e, tendo visto nele uma extraordinária multidão de peixinhos que saltavam sobre as águas, fez sobre eles o sinal da cruz com a ponta do báculo e mandou-lhes que se aproximassem da margem. Obedeceram os peixes ao preceito do servo de Deus, o qual, tendo tomado um, deu sua bênção aos demais, deixando-os no rio. Enviou aquele peixe a um enfermo de quartãs, que, mal o provou, logo se viu livre de sua doença, dando graças a Deus e ao santo prelado com lágrimas nos olhos. No lugar de Fresnillo fez Deus por seus merecimentos outro portento, que permaneceu longo tempo depois para consolo e benefício dos moradores. Havia o santo consagrado a igreja, instruído os fiéis com suas paternais admoestações e feito todos os ofícios de um verdadeiro pastor; mas o povoado era tão pobre e miserável que, não havendo habitação onde o santo prelado pudesse recolher-se com os seus, teve de retirar-se para debaixo de uma azinheira, cujos ramos lhe serviram de abrigo contra as inclemências do tempo. Neste estado, sobreveio tal penúria de água que nem os familiares do santo tinham com que apagar a sede que demasiadamente os atormentava, nem ele próprio com que lavar as mãos. Fez oração a Deus; e da mesma azinheira desceu subitamente tanta cópia de água que bastou para todos, chegando as misericórdias de Deus ao ponto de fazer durar por muito tempo aquela água milagrosa, que, bebida com fé, serviu muitas vezes de eficaz medicina contra as doenças que padeciam os habitantes daquela comarca. Esta maravilha foi tão pública que não ficou somente encerrada naquele estreito recinto, mas sua fama se difundiu por quase toda a Espanha, de maneira que de toda parte solicitavam aquela água salutar, que continha em si a virtude milagrosa que as orações do santo haviam merecido do céu.

Finda a visita, na qual manifestou todas as virtudes de um terno pai, de um solícito pastor e de um bispo perfeito, retirou-se à sua igreja. Foi-lhe preciso depois passar a Toledo, onde encontrou o rei Afonso, seu conquistador, gravemente enfermo. Assistiu o bendito prelado à sua morte e aos seus funerais; e, tendo o monarca deixado ordenado que seu corpo fosse trasladado para o real mosteiro de Sahagún, que ele havia edificado, São Pedro assistiu a esta trasladação, que se fez com a pompa e a solenidade devidas às cinzas de um rei tão piedoso. Concluído este negócio, determinava voltar à sua igreja; mas ficaram frustrados os seus intentos, tendo sido acometido

pela enfermidade que lhe ocasionou a morte no próprio ato da celebração das exéquias do rei. Chegou, contudo, até Palência, desejando com vivas ânsias morrer no regaço de sua esposa, por cujo amor não duvidou empreender aquele caminho estando gravemente enfermo. Mas em Palência tornaram-se os sintomas de sua doença tão funestos e perigosos que lhe foi necessário ficar ali e desistir da viagem começada. Nesta cidade aliviou-se algum tanto com o esmero e as caritativas diligências de seu bispo, dom Pedro, o qual, conhecendo quanto importava à Igreja a vida daquele santo prelado, lhe procurou tais consolos e remédios que lhe reparou um pouco as forças. Mas, passados alguns dias, conhecendo o santo que se aproximava a hora de seu ditoso trânsito, apesar de todas as diligências que fazia seu hóspede, disse ao bispo de Palência estas palavras: «Sabei, venerável irmão meu, que já chegou a hora em que devo partir desta vida para a glória imortal que, pelos méritos de meu Senhor Jesus Cristo, me está preparada; peço humildemente à tua caridade que cuides de que este meu corpo seja levado à santa igreja de Osma, da qual sou bispo, ainda que indigno, para que nela seja sepultado.» Dito isto, cuidou de receber os santos sacramentos, o que fez com mostras de tanta ternura que os soluços lhe interrompiam as palavras e banhavam de lágrimas os rostos dos circunstantes. Deu a todos a sua bênção; e, tendo-se despedido deles, cravou os olhos no céu e entregou seu espírito ao Criador com aquela tranquilidade e doçura com que morrem os justos. Sucedeu sua gloriosa morte no dia 2 de agosto do ano de 1109, achando-se presentes a ela o bispo de Palência, o de Segóvia e o de Zamora. Seu venerável cadáver foi trasladado para a igreja de Osma com aquela pompa e aparato que eram devidos à grande fama de santidade que tinha. Foi colocado num sepulcro decente na mesma catedral, até que os contínuos milagres com que Deus tornava glorioso o sepulcro de seu servo deram motivo a que fosse trasladado para uma capela que os cônegos erigiram em sua honra, onde é venerado por todos os fiéis, que por sua intercessão recebem contínuas mercês do céu.

Martirológio Romano

Em Roma, no cemitério de Calisto, a festa de Santo Estêvão, papa e mártir, o qual, celebrando um dia a missa durante a perseguição de Valeriano, e surpreendido por uns soldados, permaneceu impávido no altar, acabando os santos mistérios começados, e foi logo decapitado em sua cadeira.

Em Niceia, na Bitínia, o martírio de Santa Teódota e de seus três filhos. Como o mais velho, chamado Evódio, confessasse a Jesus Cristo com grande serenidade, Nicécio, consular da Bitínia, mandou espancá-lo, e depois queimar a mãe com seus três filhos.

Na África, São Rutílio, mártir, o qual, fugindo continuamente de lugar em lugar para livrar-se da perseguição, e chegando a salvar-se do perigo à força de dinheiro, foi por fim surpreendido um dia e apresentado ao juiz, que o fez sofrer muitos tormentos e depois lançar às chamas, onde morreu coroado com o martírio.

Em Pádua, São Máximo, bispo daquela cidade, que, célebre por milagres, teve um fim venturoso.

Em Apt, na Provença, Santo Auspício, primeiro bispo da dita cidade, cujos habitantes o veneram como mártir.

No Blaisois, São Boário, bispo de Chartres.

Em Castela, a Velha, São Pedro de Osma.

Em Verona, São Félix.

Em Nicomédia, sete mártires.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus: ut beati Petri, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que a venerável solenidade do bem-aventurado São Pedro, vosso confessor e pontífice, aumente em nós a devoção na alma e a saúde no corpo. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Reflexões

Os varões justos, aqueles homens ditosos que, correspondendo às magníficas graças que Deus derrama sobre suas almas, lavram para si uma coroa de santidade heroica, não se cingindo somente à sua própria santificação, mas procurando com igual desvelo a de seus irmãos, são engrandecidos pelo Espírito divino de maneira tão admirável que arrebatam toda a nossa admiração. *Eis aqui o grande sacerdote que em seu tempo agradou a Deus e foi achado justo*, diz algumas vezes, exaltando com o epíteto de grande uma miserável criatura, que diante de Deus é o mesmo que se não fosse. Esta felicidade, esta glória a que sobem os justos é sem dúvida alguma digna de nossas reflexões, para que o coração do homem, naturalmente inclinado a obter elogios especiosos e magníficos, fique convencido de que o verdadeiro caminho para alcançá-los é a prática das virtudes. Mas hoje deve o cristão considerar, na epístola que a Igreja aplica a São Pedro de Osma, um caráter que torna os justos mais admiráveis e cuja consideração deve produzir efeitos mais proveitosos. Este grande sacerdote, diz o Espírito Santo, foi a reconciliação do povo com Deus, quando este Senhor tinha justamente levantada a espada de sua vingança. Nestas palavras atribui-se ao varão justo o ofício de pacificador, e uma prudente reflexão persuade que ele não poderia derramar a paz sobre o povo, reconciliando os fiéis com seu Senhor ofendido, se ele próprio não tivesse uma suma tranquilidade em sua alma. Com efeito, a qualidade de amigos que Deus dá a seus servos, em justa recompensa de terem cumprido seus mandamentos, manifesta-nos que eles têm todas as prendas necessárias para merecer esta grande honra, que não se pode alcançar sem ter primeiro acalmado todo o tumulto das paixões.

Um rei pacífico, um príncipe de paz, que veio a este mundo para derramá-la sobre os homens, como anunciaram os anjos na noite de seu nascimento, não pode ter amizade nem tornar participante de seu amor a quem não lhe seja semelhante nestas apreciáveis qualidades. Por esta causa conjeturam os sagrados expositores que não quis Deus que o rei Davi lhe edificasse o suntuoso templo que havia delineado, não obstante ser um rei justo. Desde a juventude andara entre o estrépito das guerras e das armas; e Deus concedeu esta glória ao pacífico Salomão, para ensinar-nos em quão alto grau de estima tem a paz e quão gloriosas devem ser as qualidades daqueles sujeitos por cujo meio a dispensa. Isto mesmo faz considerar quão odiosos deverão ser a nosso Deus aqueles homens que causam desavenças e rixas entre seus irmãos. Deve-se inferir que seu ódio será à proporção do amor e da estima que tem pelos justos e, por conseguinte, que, assim como estes são exaltados ao grau supremo de glória, sendo vínculo de paz entre Deus e os

homens, pelo contrário os revoltosos são aquela gente pestífera que provoca as iras de Deus e excita sua justa vingança. Tu, cristão, que te conheces réu diante de Deus nesta matéria; que umas vezes com mexericos, outras com rixas, outras com murmurações te fazes a pedra de escândalo em que tropeçam teus próximos, volta a ti, considera a conduta dos santos e aprende em suas obras a fazer-te pacificador da ira de teu Deus.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu

senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Sobre a paz dos justos

Primeiro ponto

Considera que os justos, em prêmio de sua justiça, isto é, das santas obras com que procuram o cumprimento dos divinos preceitos, são remunerados por Deus com uma paz e tranquilidade de alma que os torna neste mundo muito semelhantes aos bem-aventurados. Conhecerás mais perfeitamente esta verdade, se chegares a formar ideia do que é esta paz de que falamos. Santo Agostinho (Serm. 57 *de Verb. Dom.*) a define em poucas palavras, de maneira tão clara e tão precisa que a faz não somente conhecer, mas também amar. «A paz (diz ele) é uma serenidade da mente, uma tranquilidade do ânimo, uma simplicidade de coração, um vínculo de amor e uma participação de caridade.» Nisto mesmo dá a entender que o justo não padece em seu entendimento aquela terrível luta de dúvidas e opiniões que lhe tornem duvidosa a sua felicidade. Não tem o coração dividido por aquela multidão de desejos que agitam o pecador e o despedaçam com esperanças que jamais pode ver realizadas. Não padece aquelas angústias e aflições que causam os artifícios com que os homens mundanos se veem obrigados a dissimular no semblante as perturbações interiores de sua consciência. Pelo contrário, gozam os justos de todos os frutos que a simplicidade derrama naqueles que com ela procedem em todas as suas obras. Estas são vivificadas por um amor perfeito, sendo a caridade a raiz de onde nasce a regra que as dirige e o fim a que se encaminham. Sua alma vê-se cumulada de uma doçura interior mais apreciável que todos os bens e delícias desta vida. Nada apetece senão a Deus, por nada suspira senão pela posse de Deus, e em nada se ocupa senão nos meios que este Senhor lhe inspira para chegar perfeitamente a possuí-lo. Todos os demais bens, olha-os com indiferença e como indignos de ocupar sequer o mínimo de seus desejos. Sempre quieta, sempre alegre, sempre tranquila, goza de uma felicidade muito semelhante à que desfrutam aqueles felizes cidadãos da Jerusalém celestial, que ditosamente perderam suas esperanças, porque já possuem o sumo bem, que é infinitamente maior que todas elas.

Por isso diz o mesmo Santo Agostinho (liv. 19 *de Civit. Dei*, cap. 11) que o bem da paz é um bem tão apreciável que em todo o criado não há coisa que soe tão agradavelmente aos nossos ouvidos, nem que se deseje com mais delícia, nem que se possua com maior utilidade; e com razão, porque a paz interior da alma é sinal de uma perfeita reconciliação com Deus e penhor da verdadeira amizade que o Senhor tem com os justos. Por isso mesmo se diz que quem desfruta desta venturosa tranquilidade desfruta com ela de todos os bens imagináveis; porque, sendo a amizade um vínculo de amor que torna os bens comuns entre os amigos, é consequência necessária que o justo pacífico haja de gozar daquele imenso tesouro de bens que Deus tem em si mesmo. Que

felicidade há na terra que se possa comparar com esta? Imagina todas as satisfações de que desfrutam os poderosos, todo o conjunto de riquezas que possuem os maiores monarcas e as comodidades que lhes são inseparáveis; junta numa só todas as alegrias, todos os contentamentos e todos os deleites que podem alcançar os mundanos: tudo isso é uma sombra, é uma aparência, é nada, se se compara com a felicidade e a delícia que tem um justo dentro de si mesmo, quando, fixando os olhos em sua consciência, não encontra motivo para crer que Deus seja seu inimigo. Esta consideração deve inflamar tua vontade, enchendo-a de santos desejos de desfrutar da paz dos justos; mas não te esqueças de que um benefício tão supremo não se concede senão aos homens de boa vontade.

Segundo ponto

Considera que a paz do coração não se pode alcançar de outra maneira senão com a prática da virtude.

Toda a história das ações humanas nos prova com evidência que o móvel das grandes empresas dos homens foi sempre a consecução de uma paz que eles se propuseram na satisfação de seus desejos. Os grandes conquistadores persuadiram-se de que acalmariam as perturbações de seu coração quando chegassem a possuir aqueles países que pretendiam à custa de sangue e de intoleráveis trabalhos. O sábio, renunciando aos deleites do mundo e entregue à contemplação e ao estudo da filosofia, sustenta sua esperança com a persuasão de que chegará o tempo em que, dissipadas todas as suas dúvidas, gozará de uma tranquila paz com os conhecimentos que a sabedoria lhe ministra. O avarento, que passa as noites em claro calculando riscos e deduzindo ganhos, não tem outro objeto senão juntar um tesouro, em cuja posse imagina que gozará de uma paz completa. Da mesma maneira pensa o que voa ofegante atrás de uma falaz formosura, o que corre cego atrás das honras e dignidades, que cada vez mais fogem de seus anelos; e, enfim, o que deseja com ânsia qualquer dos bens que por tais se têm no mundo. Todos eles se persuadem nesciamente de que, logo que chegarem a alcançar aquilo que pretendem, acalmarão os desejos de seu coração, e às inquietações que o agitavam sucederá uma doce paz, em que tudo será delícia, tudo gosto e regozijo. Creem que nada bastará para inquietar suas almas e que, possuído aquele objeto, olharão todos os demais com desprezo, ou ao menos com indiferença. Mas a própria experiência nos ensina que, longe de ser assim, se viram novamente inquietados por outros desejos, que atormentam o coração tanto ou mais que os primeiros. A consecução da dignidade, da honra, das riquezas ou do objeto amado não é outra coisa senão um passo dado num caminho interminável, a posse de uma só gota de água para o hidrópico, que ficaria sedento ainda depois de ter bebido, se possível fosse, os rios e os mares.

O meio mais razoável que os homens puderam imaginar para alcançar a paz do coração é sem dúvida a filosofia. Os estoicos faziam vaidade de possuí-la: afetavam uma estudada indiferença e desprezo pelos bens perecedouros que mais pungem o coração do homem. Mas estes mesmos se achavam enganados, quando sua própria filosofia os punha na necessidade de ter outros filósofos por inimigos e os fazia provar os desgostos e dissensões de uma guerra. Viam-se, por outra parte, afligidos por todas as misérias e calamidades da vida; de maneira que, se não estivessem cegos,

poderiam conhecer facilmente que a paz e a ventura não podiam consistir em conhecimentos que a eles mesmos mantinham em estado miserável. De tudo isso se infere que a paz do coração não se pode encontrar senão só em Deus, nem se pode obter senão com a prática da virtude. Por isso dizia Santo Agostinho: «Fizeste-nos, Senhor, para ti, e sempre estará inquieto o nosso coração enquanto não descansar em ti.» Deus é a fonte de todo bem; é o cúmulo de todas as felicidades; é um oceano imenso de delícias; por conseguinte, só ele é capaz de cumprir todos os nossos desejos, de satisfazê-los, de enchê-los e até de excedê-los infinitamente. À posse deste soberano bem não se chega por outro caminho senão o da virtude. Quem a pratica coloca nela todo o seu bem, todo o seu tesouro e suas delícias. Ela o estreita e o une com o próprio Deus; é uma mestra que lhe ensina quão perecedouros são todos os bens do mundo e quão falazes todas as suas esperanças. Ela lhe descobre aquelas doçuras escondidas que Deus tem em si mesmo e de que somente os justos podem ser participantes. Ela aclara os olhos para que vejam as coisas como são em si, e para que chame bens aos que verdadeiramente são bens, conhecendo por males os males. Ela dá quietude e sossego à alma, fazendo-lhe conhecer aquela verdade do Sábio, que tudo nesta vida é vaidade e aflição de espírito. E, finalmente, a virtude é a que causa a verdadeira paz da alma, sossegando a inquietação de seus desejos, reduzindo-os a um só objeto, que é Deus, e causando uma paz e tranquilidade de que somente os justos desfrutam.

Jaculatórias

> *Pax multa diligentibus legem tuam.* Sl 118.

Meu Deus, os que amam e cumprem vossas santíssimas leis são os que gozam de uma paz dulcíssima e permanente.

> *Justificati ergo ex fide, pacem habeamus ad Deum.* Rm 5.

Visto, pois, que pela fé alcançamos o incomparável benefício de ser justificados e reconciliados com nosso Deus, tenhamos paz com nossos irmãos e também, dentro de nossos corações, com nossos apetites, sujeitando-os à sua santa vontade e fazendo-os servir à nossa santificação.

Propósitos

Não é possível que se considerem os bens da virtude com viveza e madureza, que se fixe a atenção no sossego interior que alcançam os virtuosos, sem que nasçam dentro de nosso peito ardentes desejos de gozar de tão soberano benefício. Com que inveja não lemos as vidas dos santos, quando nelas encontramos aquela paz imperturbável com que se mantinham em meio à

pobreza, à nudez, às perseguições e até em meio aos tormentos com que lhes tiravam a vida! Todos quiséramos ser como eles; desejaríamos ter os seus ouvidos para ouvir as nossas injúrias; ter os seus olhos para olhar como eles os bens da terra; e, enfim, o seu coração, para possuir aquela fortaleza com que reprimiam todas as suas paixões e aquela docilidade com que recebiam as impressões da graça. Um leve dissabor com a família perturba todas as nossas operações; uma leve falta do filho ou do criado acende a ira e põe em nossos lábios os insultos e as ameaças; uma injúria venial que nos faça nosso próximo irrita-nos e provoca-nos à vingança; os próprios bens de fortuna nos desassossegam e agitam só por não os possuirmos. Não é isto uma verdadeira infelicidade, uma miséria lamentável e um abismo de desditas? De que te serve esse posto elevado, e o teres em tua mão a sorte de tantos homens, se para ti mesmo fabricas uma sorte desditosa? De que te servem essa riqueza, essa opulência, esse luxo, se nunca estás contente, se o riso de teu rosto desmente os pesares de teu coração, e em meio a esses bens de fortuna és verdadeiramente desafortunado? Propõe desde hoje dedicar-te à virtude, e verás milagrosamente trocada a tua sorte. Se padeceres perseguições, recebê-las-ás com gosto, como meios para lavrar a tua paciência. Se te fizerem injúrias, alegrar-te-ás com a ocasião de fazer a Deus aquele grande sacrifício de perdoar e amar os teus inimigos. Se padeceres escassez dos bens de fortuna, regozijar-te-ás com a consideração de que tens menos de que ser responsável e de que nisso imitas o Filho do Eterno Pai, que se fez pobre para que tu te enriquecesses com sua pobreza; finalmente, na miséria e na abundância, na bonança e na contradição, no estado humilde e no elevado, na saúde e na enfermidade, em todos os instantes e momentos da vida gozarás de uma dulcíssima paz, entregando-te à virtude. Propõe isto eficazmente a teu Deus e procura acreditar com o testemunho das obras a verdade e a solidez de teus propósitos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:00 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:00 by Admin